

PRISIONEIRO DE SI

Silvana Mazzuquello Teixeira¹

O homem preso a si mesmo é a tortura explícita, vivida ou sobrevivida, no sofrimento de permanecer acorrentado às próprias lembranças.

Abril de 1965, Guerra do Vietnã, Indochina.

O exército norte-americano chega ao Vietnã de maneira tática. Os ataques são aéreos, marítimos e terrestres. Aos que veem a guerra de cima, em aviões bombardeiros e caças noturnos, observam o caos que se aloja em terra firme. Inclinando o olhar, avistam nuvens grandiosas de fumaça e poeira. Habitações, jardins e templos foram destruídos pelo bombardeio frequente no território. Pequenos pontos, no solo, se apresentam de forma desesperada, correndo em uma direção aleatória, tentando fugir da obscuridade que uma guerra traz consigo.

Leonel, soldado da tropa americana, posto em lugar estratégico, começa a observar o contexto ao seu redor, vivenciando o terror. Corpos mutilados, com órgãos internos extraídos para fora de suas constituições físicas, espalhando a cor vermelha, de sangue, sobre o chão de terra batida. Membros amputados, peles em carne viva, ferimentos e fraturas expostas, causados pelas armas potentes e pelas explosões em meio ao confronto direto. Homens com armas e pequenas cruces de madeira em mãos, pedindo proteção divina em meio ao lídimo inferno, causado pelo ódio humano. Gritos de horror, pedidos de trégua e socorro, vindos de uma população cansada, pessoas que já não aguentavam a agonia e a aflição do meio em que viviam e optavam por tirar suas vidas.

-TUM!

Leonel cai ao chão, desacordado, com uma forte pancada na nuca. Seu corpo é arrastado, entre os mortos, por soldados vietnamitas.

Ainda tonto, o americano sente suas pernas e braços acorrentados. Se encontra em um local pequeno e escuro, em que há apenas um feixe de luz, para onde seus olhos estão fixados. Com ele estão mais dois homens, que lhe observam minuciosamente. Pelas roupas oficiais, Leonel deduziu que fossem comandantes das tropas ali organizadas. Falando rapidamente e com rispidez, um dialeto vietnamita, deixavam o soldado apreensivo, pois sabe que quando preso em território adversário as chances de sobrevivência são poucas.

Silêncio na sala. A ordem de punição e cárcere acabara de ser consumada.

No quarto escuro, em meio aos insetos que ali criavam-se, o soldado pega-se lembrando de sua vida nos Estados Unidos. Em sua casa de campo, no jardim, que era cuidado por sua esposa,

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela UNESC. E-mail: silvanamazzuquello6@gmail.com

Louise. Todas as tardes, eles ficavam sentados na varanda, observando os pássaros com seus cantos encantadores. Leonel conheceu Louise no baile de formatura do colegial, quando seus olhos não conseguiam parar de segui-la. Ela usava um vestido azul, que realçava seus olhos. Olhos que tinham a cor do mar. Cor do amar. Foi amor à primeira vista.

A porta se abre de maneira apressada e brusca, levando Leonel a um susto momentâneo. Um soldado vietnamita pega-o pelo braço e os dois saem da sala. O americano é levado para um local maior, com vários instrumentos cortantes espalhados pela mesa. Ele é colocado em uma cadeira e amarrado. O comandante está no canto do cômodo fumando um charuto. Charuto que logo mais entrará em sua narina esquerda.

Maio de 1965, Vietnã.

Leonel está novamente no lugar em que são realizadas as torturas. Os ferimentos espalham-se pelo seu corpo, seu rosto se apresenta de forma desfigurada, não há mais as unhas dos indicadores e suas roupas viraram trapos. Seu organismo está desregulado, sente seus rins parando de trabalhar pela falta da hidratação corporal e a respiração tornou-se pesada e dificultosa. Sentado naquela cadeira, com os olhos fixos na parede, lembrou-se de quando estava em casa, em sua poltrona estofada, esperando sua mulher lhe trazer uma xícara de chá quente, com um sorriso no rosto.

A lembrança fora cortada pela visão de um soldado vindo em sua direção, lhe dando um golpe na cabeça com um mastro de ferro. Desta vez, o americano não ficara inconsciente, apenas entontecido. Ao abrir os olhos, viu o soldado novamente indo até ele, com uma faca enferrujada. O instrumento cortante foi passado lentamente em sua perna direita, com movimento começado de baixo para cima, cortando a carne, jorrando o seu sangue e fazendo-o gritar de dor. Suas lágrimas caíram sobre o ferimento, juntamente com o sal que o vietcongue trazia consigo. O ardor misturado ao sentimento de ódio o levou a um súbito ataque, o qual conseguiu desamarrar-se da cadeira e pulou sobre o soldado vietnamita.

Outros dois soldados adversários entraram porta adentro. Colocaram-lhe deitado, totalmente nu, ao chão gelado, com apenas o contra piso. Colocaram sobre seu rosto um pano sujo, carregado com fezes de rato. Seguraram-no com tamanha força chegando ao ponto de trancar a circulação do sangue, em algumas partes de seu corpo. Sobre o pano, escorria água de uma mangueira com alta vazão. Quando o soldado americano tentava respirar, sentia a água entrando por suas vias nasais e indo direto ao pulmão, fazendo-o tossir sem parar e se afogar, agonizando. Quanto mais tossia, mais água entrava em suas vias respiratórias e a agonia tomava conta de seu ser. Por um momento, a

vertigem de água parou. O americano se encontrava agora moribundo e com os olhos saltados, com dificuldades para respirar.

Puseram-no sobre uma mesa metálica e amarraram suas pernas e braços. Um dos vietnamitas pegou uma lâmina e começou um corte, na parte esquerda do corpo, que iniciava no ombro e ia até a parte que antecedia a perna, de maneira lenta, fazendo Leonel gritar. As lágrimas caíam sobre a mesa de metal e o som ecoava pela sala. Seus gritos eram silenciados. Eram gritos da alma. Após o rasgo feito em pele, os soldados pegaram brasas de madeiras recém-queimadas e passaram sobre a ferida, de ponto a ponto. Sua pupila estava dilatada, a pele a ser fritada, as feridas se tornando vulcões, lançando para fora do corpo pus e sangue. Mais um dia como prisioneiro.

Junho de 1965, segundo mês em cárcere.

A refeição do prisioneiro estava posta. Sem proteínas, vitaminas e nutrientes necessários para a conservação de um bom estado físico e mental. A comida era acompanhada de um copo de metal, com um líquido de tom amarelado, que exalava um cheiro forte de urina. Comendo o alimento sem gosto algum, veio em sua memória o natal de 1954, o último em que sua família estava toda reunida.

Hinos natalinos ecoavam pelas ruas, cantados por pequenos grupos de pessoas. Havia o cheiro dos pinheiros de natal, que brilhavam pelas luzes e enfeites, misturado ao cheiro do delicioso peru, que sua esposa preparava com tanto carinho. Seus pais dançando pela sala e seu cachorro a observar tudo ao seu redor. Mal sabia ele que no ano seguinte seus pais morreriam em um incêndio e, logo após, eclodiria uma guerra grandiosa, a qual seria mandado em missão.

A porta se abre e um vietcongue pronuncia algumas palavras com grosseria. Não entendia o idioma, mas compreendia que era para segui-lo. Sabia exatamente o que lhe esperava no outro lado da sala. Amarraram-lhe e escolheram o açoite. O açoite escolhido foi aquele que tinha três tiras de couro pesado e bolas de chumbo na ponta, produzindo hematomas imediatos e feridas pela sequência de golpes.

Depois de açoitado, com as feridas abertas em carne viva, os soldados aplicaram sobre elas uma substância, extraída de uma planta, a qual dá coceira na pele. A agonia agora era múltipla, pela coceira e ardor nas feridas. O prisioneiro queria coçar e arrancar sua pele, com as unhas, mas a dor não deixava. Passava as unhas, que estavam um pouco compridas devido ao tempo que estava preso, sobre sua pele e arranhava ainda mais a sua epiderme, esfolando-a. Ao fim, estava todo ensanguentado e exausto. A coceira e ardor se prolongavam. Tinha agora de trabalhar seu psicológico.

Julho de 1965, Estados Unidos.

O comandante da tropa americana, acompanhado de três soldados, bate na porta da residência de Leonel. Louise, ao ver os oficiais, fica feliz, crendo que seu marido estaria junto deles. Enganou-se. Ao invés da chegada do marido e das boas-vindas por parte dela, foi anunciado o falecimento de Leonel que, por motivos de não terem encontrado seu corpo, pela região indochinesa, foi dado como morto pelo exército americano.

No lugar do belo sorriso, veio à tona lágrimas de desolação. Tudo que haviam construído tinha sido desmoronado. Os sonhos e planos tinham ido por água abaixo. Por lágrimas abaixo. O amor, naquele momento, deu morada a dor. Em dois dias seria realizado o funeral de Leonel. O governo norte-americano pagaria todas as despesas, pois o fiel soldado havia morrido em nome do país.

Eis que o dia do sepultamento chega, trazendo consigo o peso da ausência. Foram dois dias infelizes para Louise. Sentia-se com um grande vazio no peito. Vazio na alma. A marcha fúnebre deu início ao encerramento do ciclo da vida. Os tiros, engatilhados pelos oficiais, encerram o encerramento do ciclo.

Agosto de 1965, Vietnã do Norte.

Quando feito refém, os soldados vietnamitas observaram, no pescoço do americano, uma cruz tatuada, que simbolizava sua fé. Sabiam que o homem era forte, pelo seu porte físico e também por sua sobrevivência, mesmo com as péssimas condições ali ofertadas. Porém, tinham dúvidas em relação ao seu psicológico.

Os vietcongues o levaram para outro cômodo, onde chão havia um tablado de concreto. Leonel caminhou até o tablado e observou a imagem de Cristo crucificado, desenhado com material metálico. Os asiáticos puseram-se a realizar gestos, explicando a ordem e demonstrando como era para ele fazer. O americano teria de sentar sobre o tablado, nu. Caso não fizesse o que lhe fora ordenado, seria massacrado.

Veio-lhe então, na memória, as manhãs de domingo, em que ele e sua família saíam para ir aos cultos religiosos. Sua mãe cantava no coral da igreja e os familiares sempre estavam dispostos a ajudar nas celebrações e festas religiosas. Hoje em dia ele não ia às reuniões religiosas com frequência, mas lembrou-se da época de sua infância. Ficou em silêncio e se ajoelhou, fazendo movimento de um lado para o outro com a cabeça, afirmando não executar a ordem. Havia perdido tudo, mas a fé ainda não.

Sem pensar duas vezes, os soldados penduraram-no ao teto, de barriga para baixo, com pés e mãos amarrados em encontro, fazendo o corpo do homem formar uma bolsa. Sobre suas costas foram colocados blocos de pedra, pesados e maciços, deixando seu corpo arqueado pelo peso sobreposto em seu dorso, ao passo que sua pele parecia ser arrancada e seus braços descolados. A dor era intensa, o grito ensurdecedor. Leonel não conseguia aguentar mais, as veias saltavam pelo corpo, os olhos se reviravam com tamanho sofrimento. Naquele momento desejava a morte, mas era forte. Desmaiou.

Julho de 1968, Estados Unidos.

Havia passado três anos do anúncio da morte de Leonel. Louise começara uma vida nova, reconstruída em passos estreitos. Já sorria, saía com amigas de trabalho para cafés, escutava a música “*Stand by me*”, que era a música que seu marido cantava para ela e não chorava mais quando a sua memória remetia ao passado. A vida parecia outra vez florescer, assim como as flores do jardim, que estavam sendo novamente cultivadas por suas suaves mãos. Sabia ela que não poderia reverter o passado e conformou-se, ao longo do tempo, com sua perda. Sentia falta de seu companheiro, mas era a hora de seguir em frente.

Louise trabalhava na revisão do jornal local. Ao final do expediente, costumava ir até um café, que se localizava próximo ao serviço. Sempre fazia o mesmo pedido, café com creme e raspas de caramelo. Em um final de tarde, do mês de julho, não precisou solicitá-lo, pois George, o dono do café, já estava lhe esperando com o café em mãos.

Saíram dali para praça da cidade, caminharam até a ponte, que dava acesso a um chafariz, conversando sobre suas vidas e se conhecendo melhor. A esposa de George havia falecido há cinco anos, vítima de um mal súbito. Os dois já tinham algo em comum: a perda de um grande amor. Outras afinidades foram descobertas com o passar do tempo e permitiram-se dar uma nova chance, constatando que poderiam, juntos, preencher o vazio que lhes fora imposto ao peito.

No final do mesmo mês, decidiram firmar o compromisso. George deixaria de morar no apartamento, no andar superior do café, e se mudaria para a casa de Louise. Todas as roupas do antigo marido foram encaixotadas e o lugar no guarda-roupas deu espaço para as vestimentas do atual. Os chás foram trocados por cafés frescos e a música “*Stand by me*” recebeu outro tom de voz. Era um recomeço.

Setembro de 1968, Covil vietnamita.

As torturas continuavam. Durante a noite, amarravam o soldado em posições desconfortáveis, contorcendo seu corpo, produzindo-lhe câimbras. No compartimento de quatro metros quadrados, ecoava um barulho gritante e estrondoso. Uma espécie de microfonia constante, que entrava por seus ouvidos, quase enlouquecendo-o de tão alto, lhe privando, assim, do sono. Imobilizado pelas amarras, não conseguia tapar suas orelhas, e o som continuava lhe proporcionar dores de ouvidos e sensação de mal-estar somado às tonturas, prejudicando seu labirinto e desencadeando transtornos.

Durante o dia era pendurado pelos membros superiores, deixando o corpo aquém dos soldados. Por vezes, usavam tesouras afiadas e lhe faziam pequenos cortes em suas pálpebras, tirando sua visão por causa do sangue que lhe caía sobre os olhos, ardendo suas vistas. Aproveitavam o momento para colocar uma arma em sua boca, fazendo-o debater-se pela opressão imposta em sua mente, pelo medo da chegada da sua hora. Sua respiração tornava-se ofegante, seus músculos se retraíam, os nervos ficavam a flor da pele, o suor brotava nos tecidos da sua carne. O gatilho era pressionado, todavia, a arma não estava carregada. Não havia nenhuma bala, apenas pressão psicológica.

Outubro de 1968, território vietnamita.

Mais um mês passando e Leonel se encontra no mesmo contexto terrível e violento. Estava adormecido e fora acordado pelos soldados, que jogavam água gelada em seu corpo. A água caía sobre seus membros, fazendo-o tremer de frio. O líquido gélido era insuportável, caía sobre as feridas e elas tornavam a arder. O soldado estava estático, mas os soldados vietnamitas não tiveram piedade e começaram a bater em seu corpo, que estava muito danificado.

A sevícia foi interrompida por um tumulto repentino no cativeiro vietnamita. Por todos os lados haviam soldados americanos. O exército adversário teria encontrado a prisão secreta com reféns de sua tropa. Os algozes ali localizados foram dizimados, por um raiar de fuzilamentos, conduzidos por americanos. A tortura diária havia chegado ao fim.

Os soldados encontrados retornaram aos Estados Unidos, com uma equipe médica. Em dois dias estariam em território americano. Leonel queria fazer surpresa a sua amada, pedindo para os oficiais não ligarem para sua casa. O avião aterrissa e os soldados saem. Leonel ficou ainda na enfermaria da base por dois dias, em observação. No terceiro dia foi enviado para casa. Em direção ao lar, olhando pela janela do carro, passou-se um filme em sua mente com todos os momentos de felicidade já vividos em sua vida.

Ao chegar em casa, percebeu que as janelas estavam fechadas, mas a porta estava aberta, deduziu que Louise havia esquecido de trancá-la. Notou também que a fechadura já não era a

mesma. Olhando para seu relógio, viu os ponteiros marcando seis horas e vinte minutos da tarde. Caminhou até a sala de estar e sentiu um cheiro que já lhe parecia familiar, um aroma agradável de cravo e tabaco. Apostaria uma boa quantia, que era *Gudang Garan*, cigarro que lembrava de sua aventura juvenil pela Indonésia.

Ouvindo passos e risadas, na direção da porta dos fundos, que dava para o jardim, foi até a cozinha, onde entraram uma mulher e um homem, com uma cesta cheia de flores, aos beijos. Eram Louise e George. Automaticamente em um surto, vendo aquela cena, Leonel começa a ter *flashes* das torturas ocorridas no Vietnã. Em um só tempo, ele pega uma cadeira da mesa da cozinha, acertando a cabeça de George, que cai desacordado. O soldado olhou para a esposa, que se encontrava horrorizada e confusa, com os olhos estalados, em pavor. Leonel a abraça, pega as carteiras de cigarro e de fósforo que estavam sobre a mesa e depois leva a mulher para o porão, amarrando-a em uma cadeira, ligando o toca-discos, que começa a tocar a música “*Stand by me*”.

Colocando-se em frente a mulher, o soldado pôs-se a interrogá-la, aos gritos. A cada palavra que Louise tentava pronunciar, fazendo com que o soldado entendesse a situação, ganhava um tapa. Leonel não queria escutar, queria bater, como se fosse sua libertação de anos apanhando. Começara a dar socos e chutes na esposa, que já estava ensanguentada e aos prantos. Os chutes eram tão fortes, que a derrubaram ao chão, ainda amarrada a cadeira. Mesmo assim, o soldado não parou de esbravejar.

Ele, então, acende um dos cigarros da pequena caixa, dá a primeira tragada e logo após toca o corpo de Louise com a parte que queima. Fere a parte interior de sua boca, queimando bochechas e língua. O soldado, com rapidez, vira a mulher de barriga para cima, mesmo amarrada na cadeira, ao chão e começa a tirar-lhe sua roupa íntima. Parou por um instante, guardou a caixa de fósforos em seu bolso, deixando Louise na mesma posição e foi para a cozinha, pensando em pegar uma faca ou algum objeto cortante.

Chegando ao ambiente, viu que o homem estranho já não estava mais ali. Olhou para o lado e avistou um vulto, vindo em contrapartida, com uma arma. Em um solavanco, Leonel vai em direção a George e segura suas mãos tentando virá-las, para que a arma, se engatilhada, não o atinja. A arma dá o primeiro tiro, que acerta o teto. O revólver cai ao chão.

Os homens partem para uma briga braçal. George empurra Leonel e lhe dá um soco. Em seguida, o soldado recebe mais socos no tronco e rosto, com golpes cruzados e com força, levando-o ao chão. George vai para cima de Leonel, acertando-lhe no rosto, enquanto o soldado tenta pegar a arma que está próxima a ele. Leonel envolve o homem com suas pernas, deixando-o imobilizado. Consegue pegar o armamento e o direciona a George, que se encontra ofegante. Um só tiro, certo, tira a vida do homem, que cai. Com raiva e rancor, o soldado ainda utiliza as outras quatro balas, em disparada.

Ainda na cozinha, cuida de seus passos para não pisar no sangue, e aciona a válvula de gás. Retorna ao porão, e vê Louise, em completo desespero, perguntando o que havia acontecido. Ele se aproxima, dá-lhe um último beijo e sai do cômodo, em silêncio. Dá uma última olhada na casa, e lembra, ao chegar ao quarto, do aconchegante sol matinal, que iluminava e aquecia o aposento, fazendo-o acordar disposto todas as manhãs.

Leonel retira-se da casa pela porta da frente, que fica entreaberta, desce as escadas e vira-se em direção à residência. Pega a caixa de fósforos, que estava em seu bolso, e acende três palitos simultaneamente, arremessando-os para dentro da casa. O soldado então se distancia e em poucos segundos acontece a primeira explosão.

Agora, Leonel se encontra sem rumo, lembrando da cena que viu, de um outro homem beijando sua mulher. A mulher que ele esperou tanto tempo para reencontrar. As lembranças vêm à tona, e ele sente-se gravemente ferido. Esta dor era pior que todas as torturas já vividas, era uma dor intensa e interna, que não remediava, era a dor de um coração machucado. Era a dor de amar, dor de lembrar. Sozinho, no escuro, começa a refletir e pensar que as lembranças encarceradas em sua mente, que a todo momento o assombram, seriam a sua verdadeira e mais dolorosa prisão.